

Cristóvão de Barros

O Conquistador de Sergipe

POR FRANCISCO JOSÉ ALVES - fjalves@infonet.com.br - Departamento de História - UFS e do IHGS
e AMÂNCIO CARDOSO - acneto@infonet.com.br - Departamento de Turismo - IFS e do IHGS

Quem foi Cristóvão de Barros? Poucos sergipanos responderiam a esta indagação indo além daquilo que é ensinado pelos manuais de história: - "foi o conquistador militar de Sergipe; o fundador de São Cristóvão, nossa primeira capital".

As duas informações estão corretas. Isto é, procedem dos testemunhos antigos oriundos do século 16. Todavia, estes magros dados não esgotam o que já se apurou sobre este personagem. Na verdade, Cristóvão de Barros foi muito mais. Ele protagonizou feitos da nossa história, atuando no Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Apesar da magnitude da figura, Cristóvão de Barros ainda não mereceu, na historiografia local, um estudo que dê conta das diversas facetas de sua atuação. Enquanto tal biografia não vem, destacamos alguns aspectos deste quase desconhecido personagem que iniciou, a ferro e fogo, a colonização de Sergipe.

Começemos pelo militar

Cristóvão de Barros foi, sobretudo, um "cabo de guerra". Sua atuação, no Brasil, está pontuada de feitos bélicos. Assim, em 1566, o fidalgo é enviado pelo rei D. Sebastião, chegando a Salvador como comandante de uma armada composta por três galeões (navios a vela armados em guerra para transporte de carga de alto valor).

No início do ano seguinte, janeiro de 1567, vamos encontrá-lo no Rio de Janeiro, junto com o governador

geral Mem de Sá, com o propósito de defender a Capitania da investida dos franceses, auxiliados por seus aliados, os índios Tamoios.

Um ano após, 1568, ele realiza outro feito militar. Junto com o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá, em Cabo Frio, faz guerra aos Tamoios.

Neste mesmo cenário de Cabo Frio, entre 1574 e 1575, Cristóvão de Barros realiza "Entrada" (expedição oficial) contra os Tamoios; escravizando, e depois vendendo, cerca de dez mil índios feitos prisioneiros no período.

Na década seguinte (1587), mais uma vez se manifesta o perfil militar de Cristóvão de Barros. Desta feita, o encontramos repelindo os corsários ingleses Robert Withrington e Cristopher Lister na tentativa de invadir Salvador.

Por fim, seu mais conhecido, entre nós, feito militar: a Conquista de Sergipe, 1589-1590. O comandante, partindo de Salvador, dizimou e escravizou milhares de índios à frente de uma considerável artilharia e infantaria. Foi a famigerada "Guerra de Sergipe".

Outra faceta de Cristóvão é a de administrador público

Neste setor, galgou os mais altos postos no escalão da administração da época. O mais importante deles foi ser membro da Junta Governativa do Brasil, com sede na Bahia, entre 1587 e 1591, com o Ouvidor Geral Martim Leitão e o Bispo D. Antônio Barreiros. Vale lembrar, que foi nesta condição que ele comandou a Conquista Militar de Sergipe.

Ainda neste alto escalão, nos-

so personagem exerceu a função de Provedor Geral do Brasil, algo como um atual superintendente da Receita Federal. Assim, em 1578, ele estava a fazer correição na Capitania de Pernambuco, isto é, fiscalizando as finanças régias.

Antes disso, no quadriênio 1571 a 1575, Cristóvão de Barros assumiu o governo da Capitania do Rio de Janeiro, realizando feitos significativos. Duas décadas depois, após a Conquista de Sergipe (1590), ele teria sido o nosso primeiro Capitão-Mor.

Uma outra face do Conquistador de Sergipe é a de senhor de engenho

Cristóvão de Barros exerceu este papel tanto no Rio de Janeiro quanto na Bahia. No estado fluminense, sua propriedade ficava no atual município de Magé, nos anos de 1570; e, na vizinha Bahia, em Jacarecanga, no atual município de Candeias, recôncavo baiano, em 1587. Aí, possuía "um formoso engenho de bois", com grandes edificações e uma igreja devotada a Santo Antônio.

Mas, nosso personagem, não foi apenas um militar destemido, um apesador de índios, um administrador poderoso e um rico proprietário de engenhos. Foi também um dedicado filantropo.

De 1587 a 1588, na condição de Provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, Cristóvão de Barros visita seus pares, senhores de engenho, recolhendo "esmolas" (doações) para a instituição.

Eis, em largos traços, um esboço do "Conquistador de Sergipe".

FONTES:

- BANDECHI, Brasil e outros. Antônio Cardoso de Barros. Novo Dicionário de História do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1970. p. 87.
- FAZENDA, José Vieira. Cristóvão de Barros. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, Tomo 95, vol. 149, p. 161-165, 1943.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. Cristóvão de Barros. Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. USP, 1989. p. 61.
- FREIRE, Felisbela. História Territorial do Brasil. Edição fac-similar. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998. v.1, p. 23.
- LEITE, Serafim. Conquista e fundação do Rio de Janeiro. In: Páginas de História do Brasil. São Paulo: Companhia, editora Nacional, 1937. p. 217-228.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. Fidalgos e Filantropos. Brasília: Editora da UNB, 1981. p. 18.
- SCHWARTZ, Stuart B. Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 301.
- SLEMIAN, Andréa e outros. Cronologia de História do Brasil Colonial. São Paulo: Departamento de História - FFLCH - USP, 1994. p. 67.